



2234 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 06 - Formação de Professores

EDUCAR PARA A AUTONOMIA: O PAPEL DOCENTE NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS AUTÔNOMOS
Viviane Patricia Dambros - UCS - Universidade de Caxias do Sul

O presente estudo objetiva refletir sobre o desenvolvimento da autonomia, no processo educativo, nas relações presentes no âmbito escolar, entre professores e alunos. Partindo dos conceitos de autonomia em Kant e Piaget e, aprofundando no estudo da Pedagogia da Autonomia, de Freire, será proposta uma reflexão sobre a importância do papel do professor na formação de sujeitos autônomos. O que se deve levar em conta no seu processo formativo e no seu fazer pedagógico, seus dilemas, desafios e a necessidade de ser consciente e ativo neste processo. Concluindo, será abordado brevemente a relação entre autonomia, liberdade, autoridade e bem querer, como norteadores para o fazer docente na busca por cumprir com nossa responsabilidade ética no exercício da profissão.

EDUCAR PARA A AUTONOMIA: O PAPEL DOCENTE NA FORMAÇÃO DE SUJEITOS AUTÔNOMOS

RESUMO

O presente estudo objetiva refletir sobre o desenvolvimento da autonomia, no processo educativo, nas relações presentes no âmbito escolar, entre professores e alunos. Partindo dos conceitos de autonomia em Kant e Piaget e, aprofundando no estudo da Pedagogia da Autonomia, de Freire, será proposta uma reflexão sobre a importância do papel do professor na formação de sujeitos autônomos. O que se deve levar em conta no seu processo formativo e no seu fazer pedagógico, seus dilemas, desafios e a necessidade de ser consciente e ativo neste processo. Concluindo, será abordado brevemente a relação entre autonomia, liberdade, autoridade e bem querer, como norteadores para o fazer docente na busca por cumprir com nossa responsabilidade ética no exercício da profissão.

Palavras-chave: autonomia; processo educativo; docente; discente, formação de professores

INTRODUÇÃO

Nita (Ana Maria Araújo Freire), esposa de Paulo Freire, na apresentação da obra *Pedagogia da Autonomia* (1996) nos fala que Paulo se fez texto, é como ouvir sua voz. “[...] O seu bem querer pelos seres humanos, a *gentidade* de seu *eu pessoa/eu educador* e a sua fé na educação está vivamente presente, evidenciando ter sido ele um apaixonado pelo mundo e pela vida.” A cada vez que leio *Pedagogia da Autonomia* me sinto inspirada, cheia de vida, motivada a lutar pelos meus sonhos relacionados a educação (desde minha época da faculdade de Pedagogia tenho três edições diferentes de *Pedagogia da Autonomia*), é meu livro de cabeceira.

Refletir sobre a autonomia e sua relação com o processo educativo é o objetivo deste texto. A ideia desta escrita partiu da inquietação sobre o porquê, atualmente, fala-se tão pouco em Paulo Freire nos programas de formação de professores e nas aulas de Pedagogia. Minha formação baseou-se nas leituras de Freire, foram dele os principais livros usados no período de faculdade. Nos cursos de Pedagogia de hoje não são mais. Freire disse que seu livro *Pedagogia da Autonomia* era um livro para ser lido no próximo século. Escreveu isso no século passado. Estou cumprindo com a fala dele, trago a proposta de reflexão sobre o fazer pedagógico objetivando a formação de seres autônomos.

O que é autonomia? Qual o melhor conceito que se encaixa para nós, educadores? Como nos tornamos autônomos? Qual nosso papel, enquanto docentes, no processo de construção da autonomia dos alunos que estão sob nossa responsabilidade? Convido a leitura do artigo para esta reflexão.

Uma inquietação minha é sobre a importância de educar para a autonomia. Não é só uma inquietação. É um medo que muitos não o façam. Medo que sejam passivos e reproduzam seres iguais a si. Medo que treinem o educando para o desempenho de destrezas e não formem o ser em si, conforme Freire (1996) nos fala.

No prefácio de seu livro, Freire nos instiga e nos convida a leitura de sua obra. Ele sempre acreditou no poder da autonomia para a construção de sujeitos críticos na sociedade e na mudança possível através do processo educativo. “Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã.” (FREIRE, 1996, p.19).

Mas, como então formar para a autonomia, como deve ser o fazer pedagógico de quem tem o ato de educar como uma ferramenta que possibilita a mudança necessária ao mundo de hoje? Como fazer com que a educação para a transformação, para a mudança do mundo, para um mundo mais bonito, como Freire gostava de dizer, possa acontecer?

Me questiono porque tais ensinamentos, deixados por ele, com tanta esperança num mundo melhor, deixaram de ser estudados e aprofundados nos encontros de formação de professores, nas aulas nas universidades, nas conversas de corredor e quase não fazem mais parte do fazer pedagógico dos docentes. Me questiono e eu mesma respondo, se não temos autonomia, não formamos seres autônomos, melhor assim, o discurso neoliberal prega isso. Freire alerta, “Não tenho raiva de quem assim pensa. Lamento apenas sua posição: a de quem perdeu seu endereço na história.” (FREIRE, 1996, p. 19). Para ter um endereço na história é preciso ter autonomia. Freire nos leva a refletir sobre a nossa prática e essa reflexão faz nos darmos conta do quanto nossas ações interferem na mudança social, talvez seja esse o motivo que faça muitos paralisarem perante a possibilidade de mudança. Melhor deixar tudo como está. Uma pena. A passividade tomou conta.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História.” (FREIRE, 1996, p. 54).

Educar para a autonomia deveria ser missão de todos os professores, deveria estar descrita como uma das competências essenciais para

execução desta profissão. Criar cidadãos independentes, capazes de usar seu senso crítico para contribuir com a construção de um mundo melhor onde possam expressar suas opiniões, que sejam ouvidos, que não esperem um pronunciamento para seguir a fala, mas que se posicionem defendendo sua opinião. Ninguém ensina ninguém a ter autonomia, é preciso que os educadores se deem conta que criar condições para desenvolver a autonomia nos seus alunos deveria fazer parte de suas aulas. Segundo Freire, "Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção." (FREIRE, 1996, p.47), se são criadas possibilidades para a construção do conhecimento em sala de aula, da mesma forma deveria acontecer com a autonomia.

O objetivo deste estudo não é esgotar o assunto, muito pelo contrário, é trazer à tona a importância de formarmos crianças e jovens autônomos, para que sejam adultos e idosos que tenham autonomia em todos aspectos das suas vidas.

Herdamos, através de Paulo Freire, a ideia central do iluminismo, conforme Zatti nos fala:

A temática da autonomia, central no pensamento iluminista, especialmente em Kant, reaparece como central no pensamento de Paulo Freire, e esse é um dos aspectos que fazem do educador brasileiro um herdeiro indireto de Kant e do Iluminismo. Na teoria de ambos os autores, há a centralidade de a ideia da possibilidade e capacidade do sujeito conseguir determinar sua vida de forma autônoma, de o sujeito superar as condições de heteronomia, no que a educação possui papel essencial. (ZATTI, 2007, p. 78).

Que ricos somos então! Se esta é também a herança deixada por Freire para nós, que façamos bom uso dela!

1. AUTONOMIA EM KANT, PIAGET E PAULO FREIRE

Para começar a pensar no porque é importante educar para a autonomia, é preciso compreender e refletir sobre o que significa ser autônomo. Segundo significados apresentados por diversos dicionários, ser autônomo é ser independente, livre, é ter capacidade para decidir sobre suas próprias regras de conduta e não se deixar influenciar. Assim, ter autonomia é ter independência, liberdade ou autossuficiência. Quando falamos de um indivíduo com autonomia, nos referimos a alguém que sabe e pode gerir sua vida, realizando e se responsabilizando pelas suas próprias escolhas. Ter autonomia, ou ser autônomo, significa diminuir o grau de dependência do outro, ou até mesmo não depender do outro.

A palavra autonomia é originada do grego *autonomos* (de *autos*, "ele próprio"), e *nomos*, "lei" que se governa pelas suas próprias leis. É a capacidade de um indivíduo racional tomar uma decisão não forçada, baseada nas informações que ele tem disponíveis. O contrário da autonomia é a heteronomia, que é a característica de quem é governado pelo outro.

No Dicionário de Filosofia, Abbagnano usa a definição de Kant para autonomia, conforme abaixo:

Termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se com uma lei própria, que é a razão. Kant contrapõe a A. a heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar. Os ideais morais de felicidade e perfeição supõem a heteronomia da vontade porque supõem que ela seja determinada pelo desejo de alcança-los e não por uma lei sua. A independência da vontade em relação a qualquer objeto é a liberdade no sentido negativo, ao passo que sua legislação própria (como "razão prática") é a liberdade no sentido positivo. "A lei moral não exprime nada mais do que a A. da razão pura prática, isto é, da liberdade" (Crit. R. Prática, I, 8). Em virtude de tal A., "todo ser racional deve considerar-se fundador de uma legislação universal. (Grundlegungsmetder Sitten, II, B A 77). Esse ficou sendo o conceito clássico da A. Mais genericamente, fala-se hoje, p. ex., de "princípio autônomo" no sentido de um princípio que tenha em si, ou ponha por si mesmo, a sua validade ou a regra da sua ação." (ABBAGNANO, 2007, p.97).

E, confirmando que é em Kant que a autonomia ganha força maior, Zatti considera:

Autonomia, para ele, designa a independência da vontade em relação a todo objeto de desejo (liberdade negativa) e sua capacidade de determinar-se em conformidade com sua própria lei, que é a da razão (liberdade positiva). Na obra Sobre a Pedagogia, ele vai propor a disciplina como a parte negativa e a instrução como a parte positiva de uma educação formadora de sujeitos autônomos. (ZATTI, 2007, p.13).

Vale lembrar que Kant não era um estudioso da educação, era um filósofo e professor universitário que se interessou pelos problemas da educação. Para ele, a autonomia é a forma do sujeito sair da menoridade, descrita por ele como o processo que faz com que o sujeito dependa do outro. Permanecer na menoridade significa não pensar por si, não ter coragem de desvincular-se do pensamento alheio, ou, resgatando Freire, ser oprimido e não lutar para sair da opressão.

É necessário compreender a autonomia além dos significados que estão nos dicionários. Se olharmos pelo desenvolvimento da consciência moral, se somos autônomos, somos livres, se somos livres, tomamos nossas próprias decisões e precisamos arcar com as consequências das nossas ações.

Zatti aprofunda estes conceitos e nos faz pensar nos aspectos que formam a autonomia, o poder de determinar a própria lei e o poder ou capacidade de realizar:

Como a autonomia é "condição", como ela se dá no mundo e não apenas na consciência dos sujeitos, sua construção envolve dois aspectos: o poder de determinar a própria lei e também o poder ou capacidade de realizar. O primeiro aspecto está ligado à liberdade e ao poder de conceber, fantasiar, imaginar, decidir, e o segundo ao poder ou capacidade de fazer. Para que haja autonomia os dois aspectos devem estar presentes, e o pensar autônomo precisa ser também fazer autônomo. O fazer não acontece fora do mundo, portanto está cerceado pelas leis naturais, pelas leis civis, pelas convenções sociais, pelos outros, etc, ou seja, a autonomia é limitada por condicionamentos, não é absoluta. Dessa forma, autonomia jamais pode ser confundida com auto-suficiência. (ZATTI, 2007, p.12).

Conceber a própria lei e, a partir da sua concepção, executá-la. Talvez seja baseada neste princípio que surja uma das grandes dificuldades relacionadas a autonomia. A capacidade de realizar é muito mais ampla que o poder de conceber e decidir. E, se não há autonomia para criar, planejar e conceber, atividades muitas vezes delegadas a poucos, como ter autonomia para realizar? Complementando, como ensinar a ter autonomia se não temos autonomia para criar? Se recebemos pronto e não participamos do processo de construção?

Outro pensador que fez da autonomia um dos principais objetivos da educação foi Piaget.

[...] a partir da teoria de Piaget podemos dividir a autonomia em dois aspectos, o moral e o intelectual. Para a autonomia moral, é importante que as crianças tornem-se capazes de tomar decisões por conta própria, que sejam capazes de considerar os aspectos relevantes para decidir o melhor caminho a seguir. Isso implica aprender a levar em conta os pontos de vista das outras pessoas, já que para este autor, a autonomia moral se alcança a partir da inter-relação com as demais pessoas. Autonomia intelectual é a capacidade de seguir a própria opinião, enquanto a heteronomia é seguir a opinião de outra pessoa. Kammi (apud ZATTI 2007, p.17).

Apesar do conceito de autonomia ter sido objeto de estudo de importantes pensadores da filosofia e da educação, foi em Freire que o sentido de autonomia ganhou um conceito sócio-político-pedagógico. Para Freire, segundo Zatti (2007, p.53):

[...] autonomia é a condição sócio-histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado, das opressões que restringem ou anulam sua liberdade de determinação. E conquistar a própria autonomia implica, para Freire, em libertação das estruturas opressoras.

Para Freire então, libertar-se das estruturas opressoras é possível, para isso é necessário ser consciente e ativo, abandonando a passividade.

Não há libertação que se faça com homens e mulheres passivos, é necessária conscientização e intervenção no mundo. A autonomia, além da liberdade de pensar por si, além da capacidade de guiar-se por princípios que concordem com a própria razão, envolve a capacidade de realizar, o que exige um homem consciente e ativo, por isso o homem passivo é contrário ao homem autônomo. (Zatti, 2007, p.53).

O opressor ganha poder perante a passividade do sujeito, diante da falta de autonomia e da incapacidade de posicionamento. Um sujeito autônomo não se deixa dominar pelo outro, tem e expressa sua opinião. Mas como então desenvolver um sujeito autônomo? Qual o papel do professor nesse processo?

2. O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

O desenvolvimento da autonomia desde a infância, através de atitudes de pais e professores, favorecerá o desenvolvimento de uma criança e futuramente de um jovem com personalidade saudável, segura e capaz de resolver conflitos no decorrer da vida adulta e na velhice.

Segundo Piaget, no desenvolvimento do sujeito, a criança passa por duas fases, a anomia e a heteronomia, até que evoluam para a autonomia. Freire complementa:

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 1996, p.70).

Para que uma criança desenvolva a autonomia, é necessário diminuir o grau de dependência de pais e professores, tarefa nem sempre fácil, pois exige que o papel central do processo educativo seja do aluno, e não do professor. Na infância, desenvolver a autonomia exige mudança de postura de pais e professores. Mas, vale ressaltar que a autonomia não se desenvolve se o aluno temer o professor, pois o vê, além de autoritário, como detentor do saber. Para que a autonomia seja desenvolvida é necessária uma relação de respeito mútuo entre professor e aluno, segundo Freire "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros." (FREIRE, 1996, p.59).

Crianças autônomas se sentem capazes, tem autoestima elevada, tentam resolver seus problemas, aprendem a se relacionar com outras pessoas, se comunicar e fazer escolhas. Crianças autônomas são capazes de agir corretamente por conta própria e não por pressão do grupo, pois são estimuladas a isso. Piaget defendia isso, que as crianças busquem respostas corretas, não porque alguém lhes mostrou, mas porque foram em busca. Daí a importância de trabalharmos o desenvolvimento da autonomia desde a Educação Infantil, através de diferentes estímulos, e continuarmos com esse objetivo em toda Educação Básica. Na educação, desenvolver crianças autônomas está na dependência de termos professores reflexivos de suas práticas, que avaliem suas ações e promovam mudanças necessárias no seu agir docente, a fim de diminuir o grau de dependência dos seus alunos com eles. Voltamos novamente ao sentido de autonomia defendido por Freire, para o docente desenvolver a autonomia em seus educandos precisa ser consciente e ativo, precisa ter autonomia sobre seu fazer pedagógico, precisa refletir criticamente sobre sua prática. "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática." (FREIRE, 1996, p.34).

Ter dependência do outro gera certo conforto. Delegamos a responsabilidade das nossas escolhas ao outro e assim, não precisamos nos responsabilizar pelas consequências daquilo que escolhemos. Muitos de nós, talvez, tenhamos crescido nesta realidade, mas será que são pessoas assim que queremos para o mundo em que vivemos? Crescemos com pais nos dizendo o que fazer e interferindo nas nossas escolhas, com professores orientando-nos sobre qual o melhor caminho a seguir, fomos para o mundo do trabalho e encontramos chefes que continuam a nos conduzir sobre como agir e qual a postura adequada para aquele ambiente, em determinada situação. Como fazer diferente com nossos alunos? O que podemos fazer agora para que eles tenham posturas diferentes em suas vidas? Como educar para autonomia? Como soltar as amarras da opressão e formar sujeitos capazes de resolver os problemas que a vida lhes apresentar, empoderados de confiança em si mesmos? Formar seres autônomos escapa as nossas palavras, está enraizado no nosso modo de ser professor, nossos olhares e nossos gestos falam por nós. Freire (1996) ao relatar a importância de um gesto, talvez passado despercebido, de um professor em sua vida quando adolescente, nos permite refletir sobre a influência dos gestos e da importância do caráter socializante da escola.

O professor trouxera de casa nossos trabalhos escolares e, chamando-nos um a um, devolvia-os com seu ajuizamento. Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavra, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E, faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu..." (FREIRE, 1996, p.43).

Num processo educativo, que valoriza mais o fazer do que o ser, onde as competências norteiam a vida escolar de alunos e professores, EDUCAR PARA A AUTONOMIA deveria ser missão de todos os professores, deveria estar escrita assim mesmo, com letras maiúsculas, como uma das competências essenciais para execução desta profissão. Isso talvez seria romper com a relação opressor x oprimido em sala de aula, criando condições para o desenvolvimento de cidadãos independentes, capazes de usar seu senso crítico para contribuir para a construção de um mundo melhor, que possam expressar suas opiniões, que sejam ouvidos, que não esperem um pronunciamento para seguir a fala, mas que se posicionem defendendo sua opinião. Mas, somente é possível desenvolver alunos assim o professor que assim for em sala de aula e fora dela.

Freire nos alerta: "A razão é ideológica e não gramatical." (FREIRE, 1996, p.49). Pensar certo é tarefa difícil, exige atenção constante sobre pensamentos, gestos e falas, exige coerência entre ser e agir.

São diversos os dificultadores presentes na jornada de professores que desejam formar cidadãos autônomos. É como se o dia a dia desse profissional da educação fosse preenchido com provas e tentações. Zatti nos traz a fala de Freire, reforçando a importância de fomentar no educando a curiosidade e a criticidade:

A educação que vise formar para a autonomia deve fomentar nos educandos a curiosidade e a criticidade. Um educador que busca despertar a curiosidade e a criticidade em seus educandos, não pode basear-se na memorização mecânica. Pensar mecanicamente é pensar errado. "Pensar certo significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos. (FREIRE, apud ZATTI, 2007, p.58).

Mas será que os professores estão preparados para conviver com alunos assim, curiosos, críticos e questionadores, em suas aulas? Muitos, possivelmente não, e este pode ser um dos motivos que leva professores a serem centralizadores e não proporcionar a autonomia necessária aos seus alunos. Freire (apud PINHEIRO, 2015, p.121), alerta "o educador assume uma postura ética de um mentor que verdadeiramente crê na autonomia total, liberdade e no desenvolvimento daqueles que ele mentoreia." É preciso espaço para ser autônomo, é preciso amadurecimento, reflexão, diálogo e essencialmente, vontade.

Podemos pensar em reprodução do modelo vigente. A sociedade é assim, o professor é assim e formará alunos assim, a não ser que este processo seja interrompido através da consciência de necessidade de autonomia do docente e da ação, ou seja, abandonando a passividade.

A partir do momento que um professor tem autonomia para trabalhar com sua turma e quer fazer uso dela, será mais fácil orientar sobre como ser autônomo e não depender, primeiro, fisicamente e depois psicologicamente, do outro. Autonomia gera autonomia.

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a forma farisaica do "faça o que mando e não o que faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo. (FREIRE, 1996, p.34).

Educar para a autonomia tem uma dependência muito grande da atuação docente. Para que um professor possa desenvolver sua prática educativa focada no objetivo de desenvolver cidadãos autônomos, deve ter uma preparação docente que coincida com sua ética, Freire (1996, p.16) diz que "O preparo científico do professor deve coincidir com sua ética." Eu acrescentaria que deve coincidir também com suas crenças sobre as mudanças que o processo educativo proporciona ao educando e sobre qual ser humano deseja desenvolver para o mundo em que vivemos. Um ser diferente de nós, que passe por um processo educativo diferente do qual nós passamos, para que faça escolhas e tenha atitudes que levem a resultados diferentes dos quais nós vivenciamos até hoje. Ainda segundo Freire:

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados*, mas não *determinados*. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se reiterar, é *problemático* e não inenarrável. (FREIRE, 1996, p.19).

Somos agentes de transformação na construção de uma história diferente da vivenciada hoje. Mudanças passam pelas nossas mentes e pelas nossas mãos.

3. A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA COMO TRILHA PARA A REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

Falar em autonomia na educação é falar em Paulo Freire, que sempre acreditou na necessidade e poder da autonomia para a construção de uma sociedade diferente e na mudança possível através do processo educativo. Seu livro, *Pedagogia da Autonomia* é por ele assim considerado: "Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã." (FREIRE, 1996, p.19). Me questiono porque tais ensinamentos, deixados por ele, com tanta esperança num mundo melhor, deixaram de ser estudados e aprofundados nos encontros de formação de professores, nos encontros nas universidades, nas conversas de corredores e quase não fazem mais parte do fazer pedagógico dos docentes.

Mas, para quem não se acomoda, ainda acredita na mudança possível através da educação e, se considera, como Freire (1996) diz, inconclusivo, pode se basear nas suas conclusões sobre os saberes necessários à prática educativa, em sua *Pedagogia da Autonomia*. Freire (1996) nos mostra que a formação docente é feita no dia a dia, baseada nas reflexões críticas sobre a prática, "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo." (FREIRE, 1996, p. 22). Freire nos diz que não há docência, sem discência, nos mostra que no processo educativo ambos têm o lugar de sujeito: "Não há docência, sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro." (FREIRE, 1996, p. 23). Ele nos lembra, durante toda leitura, que a consciência da nossa inconclusão nos faz docentes críticos, e essa inconclusão é aplicada também ao educando, seja ele criança, jovem ou adulto. "Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo." (FREIRE, 1996, p. 59).

Le *Pedagogia da Autonomia* é como percorrer uma trilha, fazendo paradas previstas por Freire para contemplar o horizonte e refletir sobre o cotidiano. Cada tópico de seu livro é como se fossem marcas feitas no caminho para que nós, docentes caminhantes, parrássemos para descansar e, em meio ao descanso, olhássemos o caminho percorrido e vivéssemos o momento presente, o qual nos presenteia com possibilidades de reflexão sobre como queremos prosseguir enquanto pessoas encarregadas do desejo e da missão de ensinar. Parar para refletir nos torna pessoas melhores, nos recoloca no caminho muitas vezes perdido em meio as armadilhas do dia a dia.

É assim que um professor se forma, no caminhar do cotidiano pelas trilhas da educação. Sua professoralidade se constrói em meio as relações que vivencia e nas quais se faz presente, como sujeito, e não como espectador. É nessas relações que o diálogo flui, primeiro consigo mesmo, e após com os outros.

Nesta obra Freire repete várias vezes a afirmação de que "[...] o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros." (FREIRE, 1996, p.59). Essa fala dele pode ser para nos sinalizar o cuidado com a possibilidade do desvio ético, que é considerado, para ele, transgressão.

O professor que desprezita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgredir os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p.59).

Docentes e discentes aprendem e crescem na diferença e no respeito a ela, são seres inacabados, e por isso se tornam éticos. Transgredir essa ética não é virtude, mas como Freire diz, é ruptura com a decência. "Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber." (FREIRE, 1996, p. 61).

Freire nos permite refletir sobre não termos como trabalhar a autonomia com nossos alunos se nós, docentes, não tivermos autonomia no nosso ofício de professor. Coerência, palavra chave no processo de "ensinar" a autonomia.

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos." (FREIRE, 1996, p.72).

Mas, se docente e discente, ensinante e aprendiz, são sujeitos no processo de educar, até onde vai a autonomia de cada um? Como delimitar o espaço da autonomia, da liberdade, dos limites e da autoridade em sala de aula? Talvez esse seja um dos desafios que se inicia em sala de aula na busca por formar cidadãos autônomos.

4. AUTONOMIA, LIBERDADE, AUTORIDADE E QUERER BEM

Um dos saberes necessários abordados por Freire para o processo de formação de professores é que ensinar exige liberdade e autoridade,

mas como descobrir o limite sutil e muitas vezes imperceptível entre uma e outra? De acordo com Freire, “A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado.” (FREIRE, 1996, p. 106). Trazer Kant para discorrer sobre liberdade é necessário para refletirmos sobre a importância da mesma para a construção da autonomia. Para Kant liberdade e autonomia andam juntas num caminho a ser trilhado com coragem para sair da menoridade.

Segundo Kant, a disciplina e coação são apresentadas como fundamento necessário para a liberdade e a moral. A autonomia, princípio básico do bom uso da razão, depende da saída da menoridade, em que o ser humano não se encontra esclarecido. Esclarecimento significa ser livre, possuir autonomia, ser senhor de si mesmo por um processo de uma melhoria moral e cultural. Esclarecimento é à saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade, se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo, sem a direção do outro. (BOMBARDA, 2018, p.27).

A liberdade necessita da autoridade e não do autoritarismo. É essa autoridade que irá delimitar a margem até onde a liberdade pode ir. Freire (1996) cita o exemplo de um professor que toma atitude de chamar atenção de uma aluna que interrompe sua aula ao falar com um aluno de outra turma, usando a porta entreaberta da sala para se comunicar com ela. Para o professor, sua atitude de chamar a atenção, retomar a aula e devolver aos alunos e a si mesmo o direito de prosseguir com a aula fora autoritária. Freire, no entanto, prossegue: “Na verdade não. Licencioso teria sido se tivesse permitido que a indisciplina de uma liberdade mal centrada desequilibrasse o contexto pedagógico, prejudicando assim o seu funcionamento.” (FREIRE, 1996, p.104). Ele ainda nos chama atenção, pois considera que “A liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada.” (FREIRE, 1996, p.105).

Um dos problemas, talvez um dos maiores que se coloca ao educador de opção democrática, é saber como buscar o equilíbrio entre liberdade e limite. Freire nos coloca que “Quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome.” (FREIRE, 1996, p.105). Esse aprendizado acontece no cotidiano da escola, com reflexão crítica sobre sua postura, com muito respeito pelo ser que ocupa o lugar de aprendente e com uma responsabilidade e comprometimento muito grande pelo seu fazer pedagógico. Freire ressalta a importância de não perder a oportunidade de ir sinalizando sempre as crianças e jovens seus deveres e direitos, para assim irem construindo sua autonomia.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p.107).

Que confortante ouvir Freire falar sobre isso. Somos seres normais, mas profundamente respeitosos do outro e ao outro, e, enquanto professores, temos nesse dilema entre liberdade e limites, uma das nossas maiores inquietações no ofício de ser professor. Tarefa nem um pouco fácil, que nos instiga a todo instante dentro de sala de aula, em nossa prática educativa, e nas reflexões críticas sobre o nosso fazer pedagógico. Freire complementa, “A posição mais difícil, indiscutivelmente correta, é a do democrata, coerente com seu sonho solidário e igualitário, para quem não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela.” (FREIRE, 1996, p.108).

Buscar na relação dialógica entre professor e aluno o equilíbrio necessário entre liberdade, limites e autoridade talvez seja um dos caminhos existentes para a formação de sujeitos autônomos. O professor, enquanto um dos protagonistas do processo educativo, ao dialogar, se abre ao mundo. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História.” (FREIRE, 1996, p.136).

Através do diálogo são criadas possibilidades para a construção da autonomia, diálogo afetuoso, baseado no querer bem aos educandos, como diz Freire (1996).

A atividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele.” (FREIRE, 1996, p.141).

Educar é querer bem aos educandos, é lutar pela transformação do hoje num amanhã melhor. Quando queremos bem a alguém queremos que esta pessoa seja tenha autonomia, seja livre e tenha consciência sobre seu pensar e seu agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo possibilita a reflexão de um tema aparentemente simples, mas extremamente complexo: como educar para a autonomia. Para que se chegue a essa resposta, que vai muito além do que tratamos aqui, é necessário ter clareza sobre qual o conceito de autonomia a ser seguido no processo de educação. Ter autonomia é ter consciência e intervir no mundo, é ter capacidade de realizar. É romper com a passividade. É ter o poder da escolha e da ação, e arcar com as consequências de ambas. Educar para a autonomia é tarefa de educadores corajosos, que acreditam profundamente nas mudanças possíveis através do processo de educação. É tarefa de quem rompeu com as amarras que o tornavam passivo neste processo.

Para que o professor eduque para a autonomia ele deve primeiramente ter autonomia para realizar seu trabalho. Como formar para a autonomia se não tivermos autonomia no nosso fazer pedagógico? Para que tenhamos autonomia devemos lutar por nosso espaço e nossas crenças na educação. Devemos ter formação pedagógica crítica e que estimule a curiosidade e a criticidade de nossos alunos. Tarefa nem sempre fácil, mas com resultados certos, como descobrir o sutil limite entre liberdade e autoridade, na construção da autonomia.

A educação promotora da autonomia é aquela que promove a formação integral do ser. Educar para a autonomia, segundo Zatti (2007), faz parte da proposta da educação libertadora de Freire, é preparar o educando para o exercício da democracia, onde supõe-se que os sujeitos sejam capazes de liberdade, autodeterminação e autonomia.

Nossa autonomia, enquanto educadores, nos possibilita orientarmos nossos alunos na construção da sua própria autonomia. Temos a opção de trabalharmos a favor da mudança ou da permanência. Depende de nós. “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.” (FREIRE, 1996, p.143).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOMBARDA, Anderson. **Dilemas e contradições da autonomia docente**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2018. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153056>. Acesso em 30 de abril de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37ª e. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

PINHEIRO, Lourdes. **Valores evolutivos universais: acervo transdisciplinar.** Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2015.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e Educação em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.